

Bancos credores querem pressão sobre governo

Banqueiros querem que presidente George Bush pressione o governo para pagar dívida

WASHINGTON — Os bancos credores esperam que o presidente George Bush convença o presidente Fernando Collor a pagar mais do que seu governo já ofereceu nas emperradas negociações da dívida externa brasileira, pague sem condições e deixe de ouvir os conselhos de seus assessores econômicos. De acordo com o ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, as autoridades brasileiras também procurarão usar a visita de Bush para demonstrar que as demandas dos bancos são excessivas, a proposta do Brasil é razoável e deveria servir de base para um entendimento.

Mais interessado em tratar dos temas do futuro do

que dos problemas do passado, Bush declarou ao Estado que, embora queira conversar sobre a questão com Collor, não a considera central às discussões que terá em Brasília.

CONCESSÕES

A aposta dos bancos na visita do presidente americano foi estimulada pelas concessões que o presidente Collor fez depois de conversar com as autoridades japonesas e o vice-presidente dos EUA, Dan Quayle, em Tóquio, há três semanas.

Depois de ter dito aos bancos que não poderia pagar um centavo de juros sequer, o Brasil colocou quase US\$ 1 bilhão na mesa, os credores esperam, naturalmente, que um contato pessoal entre Collor e Bush renda mais concessões.

SEM SIMPÁTIA

O secretário do Tesouro,

Nicholas Brady, e seu subsecretário, David Mulford, que trata diretamente do problema, acompanham Bush na visita ao Brasil. Nenhum dos dois no entanto vê a posição brasileira com simpatia.

O subsecretário David Mulford, que já duelou com o ex-ministro do governo Sarney, Dilson Funaro, articula a pressão dos países industrializados para forçar o Brasil — e, ao menos até agora, não os bancos — a ceder na questão dos pagamentos em atraso. Depois de sugerir, durante meses, que o governo começasse a tratar do problema dos juros atrasados, antes que ele se tornasse “inadministrável”, Mulford concluiu que o País não quer negociar seriamente. O clima está tão azedo que nem mesmo o óbvio custo que o Brasil está pagando na crise do Golfo Pérsico sensibiliza Washington. (P.S)